

## **Linguagem regional de Campos dos Goytacazes/RJ e práticas de ensino-aprendizagem: em busca da superação do preconceito linguístico**

A.L.G. B R. Monteiro<sup>1\*</sup>; C.P. de Oliveira<sup>1</sup>, G. L. Soffiati<sup>1</sup>, K. dos S. Chagas<sup>1</sup>, S. dos S. N. Balbino<sup>1</sup>

<sup>1</sup>ISEPAM

\* [analaauragbribeiro@gmail.com](mailto:analaauragbribeiro@gmail.com)

Campos dos Goytacazes/RJ tem história que remonta ao período de divisão e ocupação das Capitâneas Hereditárias, na década de 1530, quando parte do território do atual município se situava na Capitania de São Tomé. Em grande medida, por esse motivo, conserva, até hoje um vocabulário formado por palavras “plantadas pelos portugueses, que fundaram os primeiros núcleos de civilização”, conforme o estudo *A linguagem da Baixada Goitacá* (BARCELOS, 1992). A distância da capitania, vila e depois cidade de grandes centros urbanos (mesmo considerando que próxima e depois integrante do Rio de Janeiro, por muito tempo capital do Brasil) contribuiu para a fixação de certas particularidades no linguajar local, não apenas tributário do português arcaico (caso de palavras como delir), mas também marcado por corruptelas (pocar, ao invés de espocar), algumas de ocorrência em outras regiões do Brasil (cabrunco, a partir de carbúnculo, por exemplo, também usada no Nordeste do país). Na tradição da Gramática, o uso de léxico e sintaxe desviantes da chamada variedade padrão ou norma culta do idioma deve ser corrigido em sala de aula. Essa orientação, no entanto, vem sendo contestada, desde, pelo menos, a segunda metade do século passado, com a consolidação da Sociolinguística, que permitiu demonstrar que “as regras do bom uso [da língua] correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes” (ALKMIM, 2000). Assim, o objetivo deste trabalho é discutir e propor práticas pedagógicas que permitam tratar da linguagem regional de Campos não na perspectiva normativa e elitista da Gramática, mas descritiva e histórico-crítica, da Linguística e Sociolinguística. Para tanto, como metodologia, propõe-se revisão bibliográfica do tema: estudos sobre a linguagem regional produzidos por autores como o do já citado Barcelos (1992) e *A linguagem da cana-de-açúcar* (MACHADO, 1987), bem como trabalhos sobre preconceito linguístico, desenvolvidos por Marcos Bagno. Espera-se, como resultado, o planejamento de práticas que permitam a educadoras como nós demonstrar a alunos da Educação Básica que a diversidade linguística deve ser encarada não como problema, mas possibilidade de uso conforme as circunstâncias de interação social. Conclui-se que uma pesquisa como esta pode contribuir para que nós e nossos alunos desenvolvamos uma formação capaz de superar preconceitos linguísticos e valorizar a ideia de pertencimento regional a partir do linguajar usado em Campos dos Goytacazes/RJ.

Palavras-chave: Linguagem Regional, Preconceito Linguístico, Transposição Didática